



Ateliê de História

Palavras - chave:
Memória; História Oral;
Congonhinhas

Resumo: O objetivo deste artigo é mostrar como se deu o processo de municipalização política e o desenvolvimento do município de Congonhinhas entre o período de 1926 a 1945, por meio da História Oral acrescida de pesquisa documental. Partindo do entendimento de que a memória é imprescindível às pesquisas para análise do contexto sócio-histórico, procurei assim ouvir outras vozes, no caso em questão, um grupo de antigos moradores do lugar, em reconhecimento à sua legitimidade social e em respeito aos anos vividos na região, no período da formação do município e na construção dos espaços públicos, em especial, no da igreja Católica. Nesse contexto, foi possível obter informações que ofereceram interpretações e perspectivas diferentes sobre os mesmos fatos históricos, o que demonstra a necessidade de revisão da historiografia, contribuindo, assim, para outras possibilidades de interpretação das diversas questões da municipalização de Congonhinhas.

A MEMÓRIA COMO FORMA DE PRESERVAÇÃO DA HISTÓRIA DA MUNICIPALIZAÇÃO DE CONGONHINHAS (1926-1945)

Rosana Célia Santos Paiva ¹

Lorena Zomer ²

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por finalidade compreender e analisar como se deu o processo de municipalização política e o desenvolvimento do município de Congonhinhas, localizado na região norte do Paraná entre o período de 1926 a 1945. O recorte temporal foi escolhido por ser neste período que o povoado se formou e desenvolveu, sendo elevado à categoria de município em 1945.

Quando se estuda a história da constituição de um município, os dados históricos encontrados muitas vezes ficam limitados ao que se apresenta na memória oficial e hegemônica que muitas vezes é manipulada a partir dos interesses de uma determinada classe dominante. Porém, a história de um município também é composta por acontecimentos e pessoas que nem sempre aparecem na história oficial, mas que de certa forma participaram e contribuíram direta ou indiretamente para a construção histórica da comunidade a que pertencem.

No decorrer da pesquisa, esta questão se tornará mais evidente, na medida em que se percebe que a memória da cidade de Congonhinhas, vem sendo construída, e nela preservada a figura dos “fundadores”, baseando apenas na ação das famílias que doaram as terras para a fundação da sede da cidade e a formação do povoado. Os dados foram encontrados nos documentos que foram coletados no cartório de registro de imóvel em São Jerônimo da Serra – Paraná – e da coletânea do município em decretos e ementas da prefeitura de Congonhinhas, os quais colaboraram na análise.

Assim, busco neste trabalho compreender como a história do Município de Congonhinhas está sendo representada ou legitimada, a fim de entender os fatores que provocaram essa construção, que teve como base o discurso dos fundadores, e qual à participação e a contribuição das pessoas que não tiveram seu nome registrado na história oficial do município?

Além dos dados encontrados no livro de João Carlos Vicente Ferreira (FERREIRA, 2006), que relata a ação dos fundadores, os seus nomes estão presentes na memória histórica do município em ruas, prédios públicos, monumentos e em todas as festividades cívicas. A intenção do trabalho não é desmerecer e nem ignorar a ação das famílias fundadoras, mas por meio da memória dos moradores do município fazer uma reconstrução da história da Municipalização de Congonhinhas, incluindo pessoas que ficaram no anonimato.

Este estudo se justifica por abordar um tema de grande relevância na área de História, pela necessidade de um aprofundamento teórico mais amplo sobre o saber da produção histórica, como também, por não haver na cidade um estudo que contemple a problematização defendida neste trabalho.

¹ Graduada em Licenciatura em História pela UEPG/UAB. Email: santos0804@gmail.com

² Orientadora. Mestre em História. Professora na Universidade Estadual do Centro-Oeste e doutoranda em História na Universidade Federal de Santa Catarina.

O artigo está estruturado a partir da metodologia da história oral, em uma abordagem qualitativa. Como bem coloca (STAKE, 1995, p. 236): [...] “As pesquisas qualitativas são exploratórias, ou seja, estimulam livremente sobre algum tema, objeto ou conceito”. Segundo a autora, a pesquisa tem também caráter exploratório, porque atende a intenção de estudar determinado grupo de pessoas, comunidade e indivíduo, investigando diversos aspectos para alcançar maior compreensão na pesquisa proposta.

A história oral privilegia a entrevista na busca da memória, possibilitando ouvir os sujeitos, as suas vivências, os fatos que marcaram suas vidas, acontecimentos que julgam relevante para comunidade e as experiências compartilhadas com o grupo. De acordo com (KHOURY, 2004, p. 137), “Uma entrevista pode representar a oportunidade para uma pessoa falar de si mesma, pensar sobre si mesma”. As entrevistas oferecem oportunidades para que o entrevistado possa falar de si mesmo e do outro, expressando e interpretando de acordo com suas próprias percepções, ao mesmo passo que as suas narrativas contribuem para aprofundar e ampliar dados de pesquisa coletados por outros tipos de instrumentos.

Os procedimentos de entrevista³ para a realização da história oral foram realizados com cinco antigos moradores do município, abordados individualmente em suas residências, entre os dias 05 e 08 de março de 2014, os quais autorizaram previamente o uso do conteúdo das entrevistas. O Senhor Clemente Rodrigues Santana com 101 anos de idade. (E1); Senhor Adalto Gonçalves com 79 anos de idade. (E2); Ana Silva com 79 anos de idade. (E3); Joaquim Canedo da Silva com 85 anos. (E4) e Francisco José da Silva, com 91 anos de idade. (E5), os quais compõem um grupo expressivo, tendo em vista os vários anos de permanência no local. Suas memórias se compõem de um rico repertório de lembranças, uma vez que acompanharam o surgimento e desenvolvimento do município.

Antes da entrevista, compreendemos que é necessário conhecer um pouco da história dos participantes da pesquisa e do município, analisando processos ocorridos ao longo dos anos que contribuíram para o entendimento do assunto em questão.

A CIDADE DE CONGONHINHAS: UM BREVE APANHADO HISTÓRICO

A chamada colonização da área onde hoje se situa o município de Congonhinhas⁴ começou efetivamente na década de 1920. Após a vinda de migrantes de São Sebastião do Paraíso - Minas Gerais, em sua maioria, descendentes de portugueses e espanhóis, nas proximidades do Rio Congonhinhas (FERREIRA, 2006. p.89).



Figura 1 – Mapa do Paraná: Localização do Município de Congonhinhas

O povoamento do atual sítio urbano deu-se na década de 1920, nas proximidades do rio Congonhinhas, mas já residiam nas imediações as famílias de Manoel Paiva, Francisco Faustino, Nazário Rodrigues, João Felício, José Felício e outros (FERREIRA, 2006, p. 89). E de acordo com autor esse pequeno grupo de pessoas já constituía o pequeno povoado que deu origem ao município, sendo assim, a história do município se deu antes

³ As informações sobre os entrevistados e as entrevistas completas e transcritas está em anexos neste artigo.

⁴ O município de Congonhinhas está localizado no Paraná, a uma latitude de 23° 33' Sul e uma longitude de 50° 34' Oeste; com altitude média de 839 m e superfície de 539,04 km², sendo que, 66% do Município esta localizado na Bacia do Rio das Cinzas e 34% na Bacia do Rio Tibagi. Possui uma altitude de 839, latitude de 23° 33' S, longitude de 50° 34' W-GR com uma área de 610,74 Km² (IPARDES, 2013).

da organização de sua sede datada na década de 1920.

A presença das famílias faz parte das recordações do entrevistado (SANTANA, 2014) “quando eu entrei aqui só tinha a família Moreira. Mas era lote, a companhia fez o lote, então foi vendendo”. A presença de outras famílias foi mencionada nas narrativas dos outros entrevistados e segundo eles as propriedades eram distantes uma da outra, tornando necessária a construção do patrimônio e de espaço de socialização.

Em 1926, José Domingues da Costa, José Carlos de Oliveira, Joaquim Luiz de Oliveira, João Canedo da Silva e a Sra. Eugenia Domingues da Costa, visando à formação de um Patrimônio, fizeram doação à Mitra Diocesana, de uma área de nove alqueires de terras no município de São Jerônimo. Nesse mesmo ano, os fundadores da povoação mandaram construir uma capela de madeira que teve por padroeira Nossa Senhora Aparecida (FERREIRA, 2006, p.89).



Figura 2- Padroeira Nossa Senhora da Conceição Aparecida (1926)
Fonte: Cidade do meu Brasil. Disponível em: <<http://www.cidadesdomeubrasil.com.br/pr/congonhinhass/#imagens>>
Acesso em 02 de abr. de 2014.

De acordo com (FERREIRA, 2006) os primeiros comerciantes a se estabelecerem foram José da Costa e Jorge Fadel. Os comércios eram quase inexistentes, com o tempo foram ampliados e começaram a comercializar secos e molhados, tecidos e miudezas em geral. O que teve muito significado para a comunidade, pois, de acordo com as narrativas dos entrevistados, até então os alimentos como sal, açúcar preto (mascavo), tecidos e outros eram obtidos somente nas cidades vizinhas.



Figura 3- Município de Congonhinhass (1938)
Fonte: Cidades do meu Brasil. Disponível em <<http://www.cidadesdomeubrasil.com.br/pr/congonhinhass/#imagens>> Acesso em 02 de abr. de 2014.

Segundo o pesquisador José Carlos Veiga Lopes Ferreira (FERREIRA, 2006. p.89) com o Decreto-Lei n.º 7.573, de 20 de outubro de 1938, foi criado o distrito administrativo de Congonhinhass, pertencente ao município de São Jerônimo. Em 1943, o município de São Jerônimo teve sua denominação alterada para Araiporanga. Em 1945, foi transferida para o distrito de Congonhinhass a sede do município de Araiporanga.

Em consequência disso, houve uma inversão de valores, pois Congonhinhass que até então era distrito de Araiporanga, pela Lei Estadual n.º 311, de 26 de fevereiro de 1945, elevou-se a município, e Araiporanga foi rebaixado à condição de distrito de Congonhinhass (IPARDES, 2013). De acordo com os entrevistados a elevação de distrito a município foi uma ação política, que na época era feita pelos chamados coronéis (fazendeiros), os quais tinham domínio na região e muita influência política. A ação dos fazendeiros é mencionada pelo entrevistado (SANTANA, 2014). “... Coronel Julio Pedro Ferreira, ele mandava aqui e tinha muita terra. As pessoas brigavam muito por política aqui nessa época”. De acordo com os registros escritos, o Coronel Júlio Pedro construiu uma longa carreira política no município, sendo prefeito nomeado e exercendo diversos cargos políticos.

A denominação de Congonhinhass foi devido à abundância da planta conhecida por esse nome, existente na localidade. É o diminutivo da erva denominada Congonha, que, segundo tradição, era muito empregada como substituta do mate, principalmente para o chimarrão dos primitivos habitantes (FERREIRA, 2006, p.89).

Congonhinhas é uma palavra formada pelo termo “congonha” acrescida do sufixo diminutivo feminino “inha”. O termo “congonha” vem do tupi “Cuã-cõi”... dedo gêmeo, designando espécie de planta, trata-se de uma variedade de liliáceas de folhas pequenas mais amarga do que a erva-mate, com mais forte dose de teína, que as nossas Leis consideram nocivas e condenam seu emprego ou mistura com a erva-mate legítima (FERREIRA, 2006. p.89).

Ao indagar os entrevistados sobre a existência da planta Congonha e sua utilização para o chimarrão, os mesmos mencionaram não ter conhecimento sobre essa afirmativa, disseram conhecer a planta, mas não se recordam de sua utilização como chá, e sobre a origem do nome da cidade, disseram ter ouvido outras versões como fato do nome estar relacionado ao rio Congonhinhas, mencionado pelo entrevistado (SANTANA, 2014), um dos primeiros habitantes da localidade, o qual diz ter participado da derrubada da mata para o plantio das lavouras, declarando que a planta congonhas existia na região, mas que desconhece a sua utilidade como chá.

A consolidação do município ocorreu por meio de uma lei estadual no dia 26 de fevereiro de 1945. Logo ele se tornou independente em relação a São Jerônimo de Serra (a partir de 20 de Março do mesmo ano). Diante desse ato o Município passou a ter personalidade jurídica de direito público interno, gozando de maior autonomia. (Lei Estadual n.º 311, 1945 apud FERREIRA, 2006. p.89).

Atualmente a administração pública municipal está voltada para o setor de Educação, Saúde e Agricultura. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o município de Congonhinhas tem uma população de 8.280 (BRASIL, 2011). Os indicadores do município, como o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), evoluíram, mas, mesmo assim, encontram-se abaixo da média. Está em 358º na colocação estadual; e seu IDH é 0,706 (BRASIL, 2011).



Foto 3- O Município de Congonhinhas - hoje
FONTE: IPARDES - SEDU – Paranacidade (2013)

De acordo com os Dados extraídos do Caderno Estatístico Município de Congonhinhas, (IPARDES, 2013) o município possui uma grande área de extensão territorial, com 53.820 km². A economia do município é proveniente basicamente da agropecuária, tendo como principal fonte de exploração o café; a bovinocultura de leite; os grãos como a soja, milho, trigo e feijão; a cana-de-açúcar; o cultivo florestal e olericultura. (IPARDES, 2013).

HISTÓRIA ORAL FAZENDO DA CIDADE UM PALCO DE MEMÓRIAS

A Memória, no sentido da expressão, é compreendida como a presença do passado, um recurso indispensável para compreender como se constituíram os fatos históricos, incluindo as percepções do outro. O Historiador Jacques Le Gof, em História e memória (LE GOF, 1990 p. 368), “aponta que o estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento”. As experiências acumuladas e as ideias relacionadas à passagem do tempo formaram o que chamamos de memória social, que está relacionada à história coletiva contendo as vivências alimentada pelo grupo.

A memória é essencial a um grupo porque está atrelada à construção de sua identidade. Ela é o resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de experiência, isto é, de identidade (ALBERTI, 2005, p. 167).

De acordo com Alberti (ALBERTI, 2005) “a memória é imprescindível na construção da identidade, ela agrupa as vivências significativas do grupo que são organizadas e compartilhadas, estabelecendo o sentimento de pertencimento”. Neste sentido as experiências dos mais velhos e a relação com o passado da sociedade é de fundamental importância para a organização dos grupos ao longo da história da humanidade, pois, Segundo o historiador Maurice Halbwachs (HALBWACHS, 1990), “toda memória é coletiva, não há uma puramente individual”. Contudo a que compreender que Halbwachs não desconsiderava totalmente a memória individual. Segundo Paul Ricoeur (RICOEUR, 2007), ele a conceituou de forma superficial, sem aprofundamentos consistentes. Assim como, Ricoeur também compartilha com Halbwachs a ideia de que: “cada memória individual

é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que esse ponto de vista muda segundo o lugar que nele ocupo e que, por sua vez, esse lugar muda segundo as relações que mantenho com outros meios” (RICOEUR, 2007, p. 133-134). No entanto Paul Ricoeur (Ricoeur, 2007, p. 107) pontua que a memória é singular: “Minhas lembranças não são as suas. Não se pode transferir as lembranças de um para a memória de outro. Enquanto minha, a memória é um modelo de minhadade, de possessão privada.” Neste sentido Ricoeur propõe que mesmo que haja distinção entre memória individual e memória coletiva é necessário uma ponte de ligação ou seja um diálogo entre ambas.

De acordo com Halbwachs, os acontecimentos e fatos históricos ocorridos na comunidade são o que caracteriza a memória coletiva, a qual está diretamente ligada às experiências vividas, envolvendo o sentimento de pertença e mantendo a sobrevivência do grupo no tempo. Desse modo, podemos compreender o peso da memória no presente de uma sociedade. Como bem nos coloca Paul Ricoeur sobre a memória,

[...] ela é o nosso único recurso para significar o caráter passado daquilo de que declaramos nos lembrar. [...] Para falar sem rodeio, não temos nada melhor que a memória para significar que algo aconteceu, ocorreu, se passou antes que declarássemos nos lembrar dela (RICOEUR, 2007, p. 40).

De acordo com Paul Ricoeur (RICOEUR, 2007) a memória é o único caminho possível entre o presente e o passado, ela se estabelece através da escolha dos acontecimentos específicos os quais elencamos para serem lembrados. Nas entrevistas realizadas acerca da história do município de Congonhinhas, fica evidente por meio das narrativas que as lembranças que afloram com maior vitalidade são os elementos que os sujeitos declaram lembrar, aquilo que foi significativo, bem pontuado por Paul Ricoeur e percebido nas lembranças do entrevistado (SANTANA, 2014).

Eu fui um dos primeiros a chegar aqui, eu vim da Bahia de Jaraci, aqui tinha bastante mata, bichos, capoeiras, os safristas já tinha derrubado bastante mata, os safrista plantavam milho, abobora para soltar a porcada depois da engorda levavam para vender para fora.

É possível perceber alguns elementos dentro das narrativas dos entrevistados que indicam a intenção de valorizar suas ações, frisando acontecimentos que julgam merecer reconhecimento, res-

peito e principalmente admiração. O processo de derrubada da mata, criação de porcos, entre outros acontecimentos que as primeiras famílias vivenciaram nessa região, está bastante presente na memória da cidade de Congonhinhas.

Neste sentido, a memória coletiva tem um papel fundamental na construção da história de uma determinada comunidade, pois quando um grupo de pessoas partilha da mesma memória histórica, significa que existe uma identidade social. Assim, a capacidade de recordar e de evocar as lembranças possibilita a preservação das bases comuns de elementos de ordem política, social e cultural de um determinado grupo social. Ao discutir as relações entre memória e história, compartilhando as experiências, é possível reconhecer nossas origens, formas de pensar e agir, como também compreender como se deu a organização daquela comunidade num determinado espaço, mesmo que o modo e detalhes possam ser diferentes na rememoração de cada um. Dentro dessa perspectiva, afirma Ricoeur:

(...) a “rememoração” [...] proporciona o sentimento da distância temporal; mas ela é a continuidade entre presente, passado recente, passado distante, que me permite remontar sem solução de continuidade do presente vivido até os acontecimentos mais recuados da minha infância. (RICOEUR, Paul, 1996, p.8)

No processo de construção de memórias, se torna necessário certa cautela no julgamento e nas análises. Deparamos assim, com a problemática da veracidade das memórias, pois a memória é feita de lembranças e esquecimentos, não sendo possível lembrar-se de tudo. O historiador Nora Pierre nos diz:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. (NORA, 1993, p.09)

De acordo com o autor, a memória é uma construção no presente a partir de vivências ocorridas no passado, às lembranças não são cópias fiéis do passado, mas reconstruções do momento presente. Neste sentido (BOSI, 2004, p. 18) afirma que: “Cabe-nos interpretar tanto a lembrança quanto o esquecimento”. Nessa perspectiva, analisar a história do município por meio da memória é perceber que os sujeitos falam do passado de acordo com as

experiências que viveram e com os significados que atribuem a elas no presente. Embora a memória narrada seja algo social, em que vários sujeitos estão inseridos de formas distintas, cada um pode falar sobre os acontecimentos de um jeito, de acordo com seu ponto de vista. Essas visões distintas permitem descortinar versões estabelecidas e construir novos conceitos.

De acordo com as autoras (MENEZES; SILVA, 2007, p.218) “perseguir, através do olhar da memória, o (re) significar de identidades sociais, é que nos tornam sujeitos de uma época, de um lugar, de um grupo social”. Sendo assim, a memória atua como um processo de construção social, ela é fruto de um trabalho de seleção e organização de elementos que dá sentido e significados na busca de identidade de um grupo. Nesse contexto, compreender como se deu a história de Congonhinhas, município localizado na região do Norte Pioneiro do Paraná, por meio da memória, é perceber que os sujeitos recordam do passado de acordo com suas experiências pessoais e coletivas, com influências do presente.

A história oral constitui-se como um importante recurso para elaboração de documentos e pode ser tomada como fonte histórica, por meio da memória, para compreender e problematizar o passado. Junto a outros conjuntos de fontes, contribui para que o estudo da história seja mais próximo, pois permite que sejam registradas as histórias de vida de indivíduos e grupos sociais.

Segundo (MEIHY 2002, p. 10), a história oral,

se constitui parte integrante do debate sobre a função do conhecimento histórico, atuando em uma linha que questiona a tradição historiográfica centrada em documentos oficiais. Ela é sempre uma história do tempo presente, tendo de responder a um sentido de utilidade prática e imediata.

Se a historiografia tradicional oferecia uma visão da história com base nos feitos heroicos e narrativas de acontecimentos e personagens, a nova história valoriza todos os elementos da existência humana, buscando as análises de fontes que ofereçam interpretações diversas sobre o mesmo fato, sobre o vivido, o lembrado e experimentado por um grupo de pessoas. Nessa perspectiva, a história oral pode ser considerada uma forma de obter informação, tendo o privilégio das riquezas de detalhes que as memórias dispõem por meio das lembranças, o que não significa sua prioridade em relação às fontes escritas, o que acarretaria no mesmo equívoco da história tradicional. O que se propõe é que não haja uma

hierarquização das fontes históricas, mas que as fontes orais e documentais possam ser confrontadas e analisadas, uma vez que ambas produzem informações que enriquecem as análises em uma pesquisa.

A história oral reconhece as trajetórias de vida dos indivíduos, grupos e sociedades, ou seja, ela é construída em torno de pessoas, permitindo que as histórias de vidas sejam ouvidas e respeitadas, admitindo a participação efetiva, não de líderes, mas de pessoas comuns. Como bem pontua Joutard:

A força da história oral, todos sabemos, é dar voz àqueles que normalmente não a têm: os esquecidos, os excluídos ou, retomando a bela expressão de um pioneiro da história oral, Nuno Revelli, os “derrotados”. Que ela continue a fazê-lo amplamente, mostrando que cada indivíduo é ator da história. (JOUTARD apud FERREIRA, 2000, p. 33).

Diante do exposto, podemos perceber que a história oral é uma metodologia indispensável para escutar a voz das pessoas que permaneceram no anonimato e tornar conhecidas as suas ações, no caso em questão, os antigos moradores do município de Congonhinhas. Na mesma direção, (MEIHY, 2002, p. 14) aponta que: “deve-se reconhecer a história oral como instrumento capaz de colocar novos elementos à disposição dos interessados na leitura da sociedade”. Nesse sentido, “dar voz” e valorizar as opiniões dessas minorias culturais, (no caso os idosos) pode ser de grande valia para a transformação da realidade atual alienante, pois são vastas e ricas suas experiências e memórias.

Segundo (MEIHY, 2002, p.9), é por meio da história oral que:

movimentos de minorias culturais e discriminadas, como os idosos, por exemplo, têm encontrado espaço para abrigar suas palavras, dando sentido social às expressões vividas sob diferentes circunstâncias. Muitos trabalhos de história oral registram a trajetória de pessoas idosas e, por meio delas recompõem aspectos da vida individual, do grupo em que estão inseridas ou da conjuntura que os acolhe.

De acordo com a colocação de Meihy é possível perceber através das memórias dos entrevistados a existência de uma ligação entre memória e identidade, pois a memória contribui para o sentimento de pertencimento, uma vez que ela é o resultado da interação social entre os indivíduos que compartilham de experiências semelhantes nos grupos sociais que participam. No decorrer das narrativas fica possível perceber as semelhanças nos fatos recordados pelos entrevistados, sendo estes partes do processo da própria rememoração.

Thompson (THOMPSON, 1998), em sua obra *A voz do passado: História Oral*, propôs reflexões acerca da metodologia chamada “história oral”, no sentido de que ela oferece possibilidade de explorar os processos de afloramento de lembrança e da recomposição das reminiscências. Segundo o autor,

A história oral não é por si só, um instrumento de mudança, mas pode ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história, pode revelar novos campos de investigação. Ela nos permite que se recrie a multiplicidade de pontos de vista de um passado complexo e multifacetado e trabalha com a memória dos sujeitos que efetivamente fizeram parte da história. (THOMPSON, 1988, p.22-25-27).

Concordando com historiador Paul Thompson (THOMPSON, 1988) sobre a importância de trabalhar com a memória dos sujeitos que fizeram parte da história, pude por meio das lembranças dos antigos moradores, obter uma maior compreensão sobre as relações sociais, culturais e políticas que se desenvolveram no início da formação de Congonhinhas, traçando um caminho de como se formou sua história. Analisar a história do município por meio dos personagens que fizeram parte da sua constituição faz com que as transformações sociais sejam compreendidas com mais profundidade, tendo assim, perspectivas diferentes sobre os fatos históricos já oficializados.

As pessoas com idades mais avançadas são atores importantes na busca das narrativas usadas na interpretação histórica. Elas podem levar à compreensão de que os fatos e acontecimentos não se restringem apenas aos documentos. Nesse sentido, os idosos são sujeitos que têm o privilégio de narrar às lembranças de um passado do qual fizeram parte. Como aponta a narrativa do entrevistado (SILVA, 2014). “Moro aqui neste município desde quando nasci. A vida era muito diferente, a gente era feliz e não sabia, tinha muita paz, aqui tinha muita madeira, peroba rosa, cedro, cabiúna, era uma terra produtiva”. Ao relembrar o passado o entrevistado buscou por meio da memória, lembranças vividas outrora, projetada no momento presente, vivências de um período de paz e tranquilidade, de uma comunidade que sofreu transformação social e perdeu algumas tradições que na colocação do entrevistado perdeu sua simplicidade. Assim, pude perceber que a lembrança é algo que pode deixar triste ou pode deixar alegre, mas é algo significativo para o sujeito e visto de maneira peculiar por cada um.

Neste sentido que a autora Ecléa Bosi (BOSI,

1994, p.55), aponta (...). “A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual”. O entrevistado (SILVA, 2014) mencionou ainda o arrependimento de ter participado do processo de desmatamento.

Eu fui criado como safrista de porcos, naquele tempo a terra era improdutiva, tinha muitos donos que nunca apareciam aqui, aí os grileiros de terras sugavam os safristas de porcos, arrendavam às terras, eles derrubavam as matas plantavam e os grileiros nem passavam o arrendo para os donos. Nós fomos criados neste sistema, derrubamos muitas matas, inclusive palmito, hoje até planto árvores para recomposição, vejo como destruímos a natureza e me arrependo muito.

Segundo João Carlos Vicente Ferreira (FERREIRA, 1996), no início da década de 1920, já residiam na região de Congonhinhas as famílias de Manoel Paiva, Francisco Faustino, Nazário Rodrigues, João Felício, José Felício, e foi no ano de 1924 que chegaram as famílias que fizeram a doação das terras para a formação do futuro povoado. No entanto, as famílias e as ações dessas pessoas foram omitidas pela história, tendo destaque apenas a ação das famílias fundadoras.

A história do município conhecida por meio de fonte escrita começa a ser narrada com a chegada das famílias que doaram as terras para construção da sede da cidade, as narrativas dos moradores mencionam a existência de famílias estabelecida na localidade como é o caso do entrevistado (SANTANA, 2014), que diz: “... eu lembro quando chegou à família do João Canedo da Silva, que foi um dos que doou terra para construção da capela e da sede da cidade, O comércio aqui era a criação de porcos”. A narrativa mostra que as famílias que residiam na localidade já se organizavam em forma de comunidade, pois os mesmos já praticavam uma atividade econômica comum entre eles.

A criação de porcos foi uma das primeiras atividades econômicas exercidas não só nessa região como em todas as regiões do Norte Pioneiro. Segundo as autoras (STECA; FLORES, 2008), o Norte Pioneiro no século XIX era uma região pobre, devido à falta de meios para vender os produtos cultivados no local. Não havia estradas que ligassem a região com o resto do estado do Paraná e com o estado de São Paulo. Essa situação só foi alterada com a chegada dos trilhos da Sorocabana (São Paulo) que possibilitou o desenvolvimento da suinocultura na

região e, de acordo com (STECA; FLORES, 2008, p. 192), do sistema de safra, o qual:

[...] consistia na formação de uma roça de milho, no período da safra desse grão. No momento da colheita, soltavam-se os porcos no milharal e deixavam-nos se alimentarem até chegar ao ponto necessário de crescimento e de engorda, para ser comercializado.

O que pontuou as autoras (STECA; FLORES, 2008), sobre a falta de estrada, foi confirmado pelas narrativas dos moradores, o que colocou a entrevistada (SILVA, 2014). “meu pai ia levar a porcada em Pinhalão para vender e de lá ele trazia pão, doce, coada, mas isso acontecia só quando ele ia levar porcada”. De acordo com João Carlos Vicente Ferreira (FERREIRA, 1996), a suinocultura garantia os alimentos que não eram extraídos ou produzidos na região. As dificuldades pela falta de transporte e o isolamento da região dificultava a aquisição dos alimentos. O autor coloca ainda que, o transporte na época dos safristas era feito de carro de boi, quando a distância era curta, e de burro, quando o trajeto era longo e era preciso buscar alimentos e ferramentas. Essa ação também acontecia no município, sobre esse assunto o entrevistada (SILVA, 2014) aponta que:

O transporte era o carro de boi para distâncias pequenas, nós tínhamos um, quando precisava ir mais longe era no lombo do burro, quando precisava buscar mantimentos e equipamentos iam de burro até Pinhalão e esperava o período da seca, porque tinha que passar por água no rio Laranjinha, e levava de 3 a 4 dias.

A suinocultura manteve predomínio na região até o desenvolvimento do cultivo de café. Para (SILVA, 2014), o cultivo do café foi o responsável pelo desenvolvimento do município, como ele mesmo coloca:

O cultivo do café trouxe prosperidade para o município, quando o município tinha o forte a comercialização do café tinha mais de 18 mil habitantes, hoje não temos nem 10 mil habitantes, muitas famílias veio de outro estado Bahia, Minas, São Paulo. O sistema era de colono, as famílias viviam nas fazendas trabalhava para seus patrões, mas plantava seu pedaço de terra.

A substituição da suinocultura pelo cultivo do café representou um marco no desenvolvimento econômico do município, essa atividade econômica trouxe um período de prosperidade o que contribuiu para o seu desenvolvimento e sobre esse acontecimento temos as recordações do entrevistado (GONÇALVES, 2014).

não só assisti a formação e o desenvolvimento do município, como também participei de alguns acontecimentos importantes para a cidade, como a construção da Igreja. Trabalhei junto com meu irmão no café que no período já havia substituído a suinocultura na região. Lembro bem, aqui era um lugar pequeno, tinha poucos comércios, não havia médicos, o transporte básico era através do carro de boi e não havia luz elétrica.

Por meio da narrativa dos entrevistados, fica evidente que os indivíduos se identificam com acontecimentos que os mesmos julgam importantes para o seu grupo, pois faz parte das experiências sociais das quais participaram. Para (TEDESCO, 2004, p. 28), “[...] os elementos mediadores da memória, sejam objetivos, de consciência coletiva e individual, de políticas de lembrança e de esquecimento, etc., servem de suporte à cultura, à identidade social e étnica, à tradição [...]”. Neste sentido fica evidente que a memória individual dos entrevistados está inserida na coletiva, ou seja, as vivências individuais estão entrelaçadas na vida de outras pessoas o que garante ao indivíduo o sentimento de identificação e pertencimento ao grupo.

Sobre o início do povoamento, a entrevistada (SILVA, 2014), lembra que “o lugar era pequeno, não tinha igreja e os batizados eram feitos na cidade de Tomazina-PR, cidade vizinha.” Disse ainda que seu pai veio para desbravar mata, mas como tinha filho recém-nascido, não quis correr riscos, assim, acabou trabalhando para as famílias que já estavam estabelecidas na região. A mesma mencionou a satisfação com a construção da igreja, mencionando as festas que eram realizadas que reuniam toda a comunidade. Nesta perspectiva ficou evidente que as famílias vieram para essa localidade para iniciar uma vida mais promissora e assim, tiveram que enfrentar as dificuldades de se estabelecer em uma região que iniciava seu desenvolvimento econômico e social.

Segundo João Carlos Vicente Ferreira (FERREIRA, 1996), a construção da capela em 1926 foi o ponto inicial do desenvolvimento da área urbana de Congonhinhas, e faz parte das recordações do entrevistado (SILVA, 2014), que cita lembranças deixadas pelo pai:

meu pai chegou no povoado em 1924, comprou uma fazenda de quinhentos alqueires e voltou para a região de Siqueira Campos, conhecida naquela época como Colônia Mineira, associou-se com uns companheiros, voltando ao povoado de Congonhinhas em 1924. A documentação da fazenda só saiu em 1926, 2 alqueires foi doado para construção da sede da igreja e um dos sócios deu um só alqueire.

Diante das narrativas é possível perceber que a construção da igreja significou a materialização de um sonho para os moradores do município, ultrapassando sua dimensão material e tornando um lugar de memória. Como aponta a autora Pierre Nora (1993, p.21) “só a um lugar de memória se a imaginação o investe de uma áurea simbólica”. A igreja hoje reformada ocupa um lugar de grande valor histórico local preservado na memória dos moradores, tanto pelas fontes escrita como pelas fontes orais. Fica evidente nessa análise, que as ações das pessoas que colaboraram com a construção da igreja doando a força do trabalho pesado, foram elementos significativos na organização e constituição do município, uma vez que a igreja representa seu marco inicial.

As informações sobre a doação das terras foram confirmadas na Escritura Pública de Doação (livro 16, fls. 2v. 88, 18 de março de 1926). Os nove alqueires referidos no histórico foram formados pela doação de outras famílias também:

Senhores e legítimos possuidores do terreno denominado Congonhinhas, parte da antiga Fazenda (sic) Santa Bárbara e Congonhas, [...]. Que querendo formar no dito terreno um patrimônio com uma área de nove alqueires, dedicado a NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO APARECIDA, resolveram de comum acordo fazer (sic) doação para esse fim, e doando como doado tem os outorgantes José Domingues da Costa e sua mulher Dona Rosa Maria de Jesus, uma área de dois alqueires. Messias Theodoro da Costa e sua mulher Dona Eugenia Maria de Jesus, uma de dois alqueires, Joaquim Luiz de Oliveira e sua mulher Dona Justina Maria de Oliveira, uma área de um alqueire. João Canedo da Silva e sua mulher Dona Rita Maria Pereira, uma área de dois alqueires. José Carlos de Oliveira e sua mulher Dona Joana Pereira de Oliveira, uma área de dois alqueires, o que perfaz uma área total de nove alqueires. Os outorgantes declaram mais que por ser pura e irrevogável esta doação prevalecerá e a perpetuam (ESCRITURA PÚBLICA DE DOAÇÃO, 1926).

Nos nomes contidos na escritura e nos históricos escritos posteriormente existe uma divergência entre os nomes de um dos fundadores. No livro *O Paraná e seus Municípios*, de João Carlos Vicente Ferreira, os nomes citados pelo autor são: José Domingues da Costa, João Canedo da Silva, José Luiz de Oliveira, Joaquim Luiz de Oliveira, Messias Theodoro da Costa e sua esposa, Eugênia Domingues da Costa (FERREIRA, 1996, p. 243).

O nome de Eugênia Domingues da Costa que aparece entre os doadores de terra citados pelo autor não consta na escritura. Ao questionar sobre a divergência entre os sobrenomes, obtive a seguinte explicação do entrevistado (SILVA, 2014): “Eugênia

Domingues da Costa é irmã de José Domingues da Costa e foi casada com Messias Theodoro da Costa, houve confusão nos nomes na hora de registrar”. Assim, pude perceber que a fonte oral através da memória auxiliou no entendimento, que embora os sobrenomes estejam diferentes, a pessoa citada é a mesma, para tanto o diálogo entre fontes escrita e fonte oral (memória) ajudou a compreender que a memória possibilita preencher as lacunas deixadas pelos documentos.

Essas famílias se estabeleceram na região dando início à formação do povoado que, devido à sua religiosidade, já no ano de 1926, tomou à frente da construção de uma capela em homenagem à Nossa Senhora da Aparecida. A construção era a concretização da doação que foi feita à santa, costume que era comum à época, devido à forte religiosidade, sendo representada pela Mitra Diocesana de Jacarezinho. É importante destacar que a construção da capela foi realizada por grupos diferentes, os que concretizaram a doação de terra e estão presente na história e os que ajudaram na construção com a força do trabalho e não aparecem, mas estão presentes na memória da comunidade, pelo peso das ações individuais e coletivas e a sua representação, carregada de significado.

A história oficial de Congonhinhas, obtida por meio dos registros escritos (FERREIRA, 1996) traz informação sobre a doação de terra para construção da igreja já citada, mas não menciona a importância e o envolvimento da comunidade com a sua construção, não só como local religioso, mas como um símbolo maior de

pertencimento que reúne e agrupa aqueles que ali habitam. Nas lembranças dos entrevistados estão presente às recordações sobre a construção da capela, onde aflora os sentimentos de orgulho por participar da edificação da referida capela e as recordações das grandes festas promovidas que são mantidas até os dias atuais.

A importância dessa igreja também é evidente quando os entrevistados falam sobre as festas realizadas para sua construção, sendo mencionadas nas narrativas dos moradores entrevistados sem exceção. Como vemos na recordação do entrevistado (SANTANA, 2014):

Nós fazíamos festas para construção da igreja. As festas eram muito boas, todos participavam, eu mesmo ajudei a construir a igreja, dei porco, frango, feijão para arrecadar dinheiro, fazíamos novenas e pedíamos prendas, eu ajudei também com meu serviço, doava dias de trabalho, as festas duravam até três dias.

Através da análise das entrevistas não pude deixar de perceber e constatar a tentativa de se estabelecer uma memória voltada para a valorização dos primeiros moradores, ou seja, a tentativa de tornar a suas ações memórias construídas e de certa forma manipulada, em oposição àqueles que receberam destaque na história do município de Congonhinhas, no caso os fundadores, os que doaram as terras para a construção da igreja e da sede do município.

As recordações dos moradores em relação às festas são carregadas de sentimentos e sensações que expõem as experiências que o grupo compartilhou e quis tornar memorável. As festas representam a expressão do grupo social é, portanto, produção de memória e de identidades como bem coloca o autor Norberto Luiz Guarinello (2001: 972):

[...] uma festa é uma produção social que pode gerar vários produtos, tanto materiais como comunicativos ou, simplesmente, significativos. O mais crucial e mais geral desses produtos é, precisamente, a produção de uma determinada identidade entre os participantes, ou, antes, a concretização efetivamente sensorial de uma determinada identidade que é dada pelo compartilhamento do símbolo que é comemorado e que, portanto, se inscreve na memória coletiva como um afeto coletivo, como a junção dos afetos e expectativas individuais, como um ponto em comum que define a unidade dos participantes. A festa é, num sentido bem amplo, produção de memória e, portanto, de identidade no tempo e nos espaços sociais (GUARINELLO, 2001: 972).

De acordo com autor (GUARINELLO, 2001), as festas é precisamente uma produção de identidade entre os participantes, no caso em questão do município de Congonhinhas as festas constituíam-se em um vínculo religioso em torno da igreja católica, religião predominante na comunidade, que possuía característica muito forte naquele contexto social. As festas que aconteciam no município mobilizavam os indivíduos para sua concretização, era um lugar onde as pessoas se conheciam e compartilhavam experiências, portanto a festa é um produto do cotidiano e produtora de identidades. Como bem coloca a historiadora Ecléa Bosi (1994, p. 54), “a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo”.

Ao se trabalhar com memória é preciso ter uma clara compreensão de seu significado. Como bem diz Joana Neves (1998, p. 218), o conceito de memória é abrangente e polifônico em todas as suas potencialidades:

O conceito de memória é crucial porque na memória se cruzam no passado, presente e futuro; temporalidades e espacialidades; monumentalização e documentação; dimensões materiais e simbólicas; identidades e projetos. É crucial porque na memória se entrecruzam a lembrança e o esquecimento; o pessoal e o coletivo; o indivíduo e a sociedade, o público e o privado; o sagrado e o profano. Crucial porque na memória se entrelaçam registro e invenção; fidelidade e mobilidade; dado e construção; história e ficção; revelação e ocultação.

A afirmação de Joana Neves (1998) pode ser percebida na narrativa do entrevistado (SILVA, 2014), que recorda: “vim para região quando ainda era adolescente e constituí família nesta localidade”; emocionou-se ao falar: “recebi ajuda de meu patrão Sr. Davi Xavier da Silva, que tempos depois foi nomeado prefeito da cidade, para poder comprar meu sítio.” Com voz embargadas pelas lágrimas deixou transparecer suas emoções ao recordar das dificuldades enfrentadas para criar seus filhos e conquistar a sua terra. A colocação da autora nos ajuda a compreender que na memória se cruzam passados, presente e futuro e abrange as dimensões materiais e simbólicas.

Devo ressaltar que o fato de os entrevistados terem mais de setenta anos e, portanto, serem idosos, foi de suma importância para a realização desse trabalho. Primeiramente, porque as experiências e memórias deles poderiam ser de grande valia (como de fato foram) para compreender como a história/memória do Município de Congonhinhas foi representada e legitimada, como base no discurso dos fundadores e, segundo, porque os idosos, muitas vezes, são ignorados. Contudo, a riqueza de suas experiências pode ser muito significativa, contribuindo para a compreensão de diversas questões, como é o caso da municipalização política de Congonhinhas.

O uso da história oral possibilitou o contato e o diálogo com as pessoas que fazem parte história de Congonhinhas. Não que as memórias dos entrevistados tenham oferecido informações mais importantes do que as fontes escritas, mas ofereceu novas possibilidades de análise.

A história oral não é por si só, um, instrumento de mudança, mas pode ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história, pode revelar novos campos de investigação. Ela nos permite que se recrie a multiplicidade de pontos de vista de um passado complexo e multifacetado e trabalha com a memória dos sujeitos que efetivamente fizeram parte da história. (THOMPSON, 1988, p. 22-25 -27).

Por meio da memória de alguns dos cidadãos que compõem a comunidade, busquei escutar pes-

soas comuns que viveram na região no período da formação do município, tornando possível ampliar as informações que ofereceram interpretações e perspectivas diferentes sobre os mesmos fatos históricos, já que, segundo Freitas (FREITAS, 2002, p. 82)

dar a voz aos diversos narradores das comunidades que vivenciaram acontecimentos de um determinado período histórico, possibilitando o registro das reminiscências das memórias individuais, a reinterpretação do passado, enfim, uma história alternativa à história oficial.

Com as entrevistas, pude perceber como as lembranças ainda estão bem avivadas na memória dos moradores, e como a maneira que rememoram o passado no presente tem repercussão na vida dos sujeitos ao longo do tempo. Todos, sem exceção, falaram de fatos semelhantes que, em suas concepções, são importantes para manter viva a memória histórica do município de Congonhinhas. Em especial as narrativas em torno da construção da igreja, marco significativo na constituição do município, elemento de identidade do grupo, os quais foram lembrados pelos moradores como algo memorável. Neste sentido que coloca que:

O relembrar é uma atividade mental que não exercitamos com frequência porque é desgastante ou embaraçosa. Mas é uma atividade salutar. Na rememoração reencontramos a nós mesmos e a nossa identidade, não obstante os muitos anos transcorridos, os mil fatos vividos. (...) Se o mundo do futuro se abre para a imaginação, mas não nos pertence mais, o mundo do passado é aquele no qual, recorrendo a nossas lembranças, podemos buscar refúgio dentro de nós mesmos, debruçar-nos sobre nós mesmos e nele reconstruir nossa identidade (...) (apud, D'ALESSIO, 1998: 278).

Os entrevistados mencionaram a chegada na região das famílias fundadoras. No entanto, a ênfase das recordações ficou em torno das narrativas em relação às dificuldades de se estabelecer aqui, o desbravamento de terra, o surgimento dos primeiros comércios, a falta de estrada, e em especial a construção da igreja e as festas religiosas. Por meio das entrevistas foi possível refletir como os moradores se sentem personagens importantes da história, compreendendo a sua participação na construção do município.

Essas afirmações ficaram claras nas narrativas, quando os entrevistados diziam: “eu fiz, eu participei, eu ajudei...”. E, nesse sentido, mesmo que seus nomes não constem em registros oficiais, nem em monumentos e ruas, cada qual compreende sua importância e demonstra seu orgulho por ter participado da constituição do município.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio das lembranças de alguns moradores do lugar foi possível refletir sobre os aspectos da origem do município de Congonhinhas, a qual teve início na década de 1920 com a vinda de migrantes de São Sebastião do Paraíso – Minas Gerais – e de São Paulo.

Nessa escolha, busquei preservar a história do município, através da oralidade, permitindo que antigos moradores fossem escutados, investigados com base na metodologia que a história oral oferece, pautada no uso da memória, para que os objetivos do estudo fossem assim alcançados.

Recorri a análises e interpretações das entrevistas, articulando-as com as teorias necessárias ao desenvolvimento e à compreensão do objeto de estudo. Foi nessa perspectiva que compreendi o quanto a identidade social de um povo é significativa na sua história, e como os moradores se identificam com a sua terra quando estão relatando os acontecimentos vividos ou assimilados por meio da memória coletiva.

Ao recuperar a história de Congonhinhas, a qual remonta aos tempos da colonização do Norte do Paraná, percebi que diversos acontecimentos marcaram a vida dos imigrantes e dos primeiros habitantes, como a construção da igreja Nossa Senhora da Conceição Aparecida; o controle e o interesse econômico nos loteamentos das terras – política seguida por diversas outras firmas e empresas imobiliárias de menor vulto, mas que muito contribuíram para o progresso e desenvolvimento da região, a fonte de atividade comercial relacionada com a suinocultura; as dificuldades com a falta de transportes, estradas; alimentos; moradia, entre outros.

Ao confrontar informações fontes orais com os documentos oficiais encontrados, percebi que ambos produzem informações sobre a constituição do município. No entanto, a história relatada por meio dos registros escritos destaca a ação dos fundadores e a sua trajetória, deixando entender que esse seria o marco inicial da constituição do município, no entanto, pelo relato dos entrevistados, evidenciou-se, que seu início se deu também com os primeiros moradores e a suas ações.

Esses fatos relatados e registrados através da memória de alguns moradores antigos do município foram utilizados na construção de uma interpretação histórica mais ampla sobre o processo de municipalização de Congonhinhas e contribuíram com a construção deste artigo.

A função da história na atualidade é buscar di-

ferentes interpretações para os fatos, dando voz às pessoas comuns, às histórias vividas no cotidiano, às narrativas culturais, superando concepções de história que valorizam personagens, feitos heroicos, datas, ou seja, “história tradicional”. É considerar que a história do “outro” também contém significados e representações.

Nesse sentido, as discussões aqui realizadas podem ser consideradas legítimas, à medida que buscamos não só ouvir as pessoas comuns que fizeram parte da história do município de Congonhinhas, como perceber que existem diversas versões para os mesmos fatos e isso abre novas possibilidades de análise e enriquece a narrativa sobre a constituição do município de Congonhinhas.

FONTES

CERTIDÃO DE ESCRITURA DE DOAÇÃO. Escritura Pública de doação de terra. Cartório de Registro de Imóvel, livro 16, folhas 83 versos a 88. 18 de Março de 1926. São Jerônimo da Serra- Paraná.

PARANÁ. Decreto nº 7.573, de 20 de outubro de 1930, Ementa: Criação do Distrito Administrativo de Congonhinhas, 1930.

PARANÁ. Lei nº 311, de 26 de fevereiro de 1945, Ementa: Criação do Município de Congonhinhas, 1945.

ENTREVISTAS

GONÇALVES, Adalto. **A memória como forma de preservação da história da municipalização de Congonhinhas (1926-1945)**. Entrevista concedida à Rosana Célia Santos Paiva. Congonhinhas, Paraná, 08/05/2014.

SANTANA, Clemente Rodrigues. **A memória como forma de preservação da história da municipalização de Congonhinhas (1926-1945)**. Entrevista concedida à Rosana Célia Santos Paiva. Congonhinhas, Paraná, 02/05/2014.

SILVA, Ana. **A memória como forma de preservação da história da municipalização de Congonhinhas (1926-1945)**. Entrevista concedida à Rosana Célia Santos Paiva. Congonhinhas, Paraná, 08/05/2014.

SILVA, Francisco José da. **A memória como forma de preservação da história da municipalização de Congonhinhas (1926-1945)**. Entrevista concedida à Rosana Célia Santos Paiva. Congonhinhas, Paraná, 08/05/2014.

SILVA, Joaquim Canedo da. **A memória como forma de preservação da história da municipalização de Congonhinhas (1926-1945)**. Entrevista concedida à Rosana Célia Santos Paiva. Congonhinhas, Paraná, 02/05/2014.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Ouvir e contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

D’ALESSIO, Márcia Mansor. **Intervenções da Memória na Historiografia: identidades, subjetividades, fragmentos e poderes**. In: Revista do Programa de Pós Graduação em História da PUC/SP, São Paulo, EDUC, n. 17, nov/98, p. 269-315.

FERREIRA, João Carlos Vicente, **Municípios Paranaenses: origens e significados de seus nomes**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 2006.

FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral: possibilidades e procedimentos**. São Paulo: Humanitas, 2002.

GUARINELLO, Norberto Luiz. **Festa, trabalho e cotidiano**. In: JANCSÓ, I. & KANTOR, I (Orgs). **Festa, Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa**. V. II, São Paulo: Ed. Hucitec./Edusp, 2001.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Censo Demográfico - (2013). **Estimativas populacionais para os municípios brasileiros**. Disponível em < <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2013/>>. Acesso em 02 de abr. de 2014.

- IPARDES. Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. **Caderno Estático do Estado do Paraná**. 2013. Disponível em: <<http://www.ipardes.gov.br/cadernos/Montapdf.php?Municipio=00019>>. Acesso em 02 de abr. de 2014.
- KHOURY, Y. A. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. In: FENELON, D. R. et al. (Orgs.). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Editora Olho d'Água, 2004. p. 137.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Mariana de Andrade. **Técnicas de pesquisa**. 3 ed. São Paulo : Atlas, 1996. 231 p.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986. 99 p.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 2002, p. 15.
- MENEZES, Leila Medeiros de e SILVA, Maria Fátima de Souza. Ensinando História nas séries iniciais: Alfabetizando o olhar. In: MONTEIRO, Ana Maria. Et al (org.) **Ensino de história: sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: MauadX: Faperj, 2007. p. 215-228.
- NEVES, Joana. **História Local e Construção da Identidade Social**. **Saeculum – Revista de História**. João Pessoa: Departamento de História da Universidade Federal da Paraíba, n. 3, jan./dez. 1998.
- NORA, Pierre. **Entre Memória e História: A Problemática dos Lugares**. Tradução: Yara Aun Khoury. In: Projeto História n.10. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento de História. São Paulo, 1993.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução: Alain François. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.
- TEDESCO, João C. Nas **Cercanias da Memória: temporalidade, experiência e narração**. Passo Fundo, RS: UPF; Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2004.
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- TOZZO, S. A.; CARVALHO, S. **A Família Orchidaceae em Fragmentos de Mata Atlântica no Município de Congonhinhas**, Estado do Paraná, Brasil. **Orquidário**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, 2007.
- STECA, Lucinéia Cunha; FLORES, Mariléia Dias. **História do Paraná: do Século XVI à Década de 1950**. Londrina (PR): EDUEL, 2008, 205 p.
- STAKE, R. E. **A Arte de Estudo de Caso**. Thousand Oaks: Sage, 1995.
- VEYNE, Paul. **Como se escreve a História: Foucault revolucionou a História**. 4. ed. Brasília: Ed. da UnB, 1998.